

acj

Setembro 2001
Nº 15
650\$00 ■ 3,24 €

uma edição

CASA
CLAUDEA

Arquitetura & construção

antes & depois
como transformar um
armazém em habitação

de raiz
casal de arquitectos
constrói a sua própria casa

custos de obra
impermeabilizações

jardins
pavimentos seguros
para as crianças

perfil
o percurso invulgar
de Oscar Niemeyer

distinção
obra de João Álvaro Rocha
vence Prémio Europeu
de Arquitectura



grades ✓
portões ✓
fechaduras ✓
sistemas de ✓
vigilância ✓

**segurança
exterior**
veja as soluções



antes & depois

a definição de uma identidade



antes

depois



Um anódino armazém de recolha de máquinas e utensílios agrícolas foi reconvertido em moradia de habitação permanente, num diálogo entre simplicidade, funcionalidade e conquista de espaço. A nova composição do alçado é o reflexo da disciplinada articulação dos planos interiores.

Texto de **Ana Jorge** (ajorge@acj.pt)
Fotografia de **José Miguel Figueiredo**



Margarida Gomes e João Brandão, ambos com 30 anos, são licenciados em Arquitectura pela Universidade Lusíada. Destaca-se, entre outras colaborações, o trabalho desenvolvido no atelier Tirone Nunes Urbanismo, Lda., na área da arquitectura bioclimática, nomeadamente nos projectos Torre Verde e Porta do Tejo, no Parque das Nações. Em 1998 formaram a empresa João Brandão, Margarida Gomes, Arquitectos, Lda., no âmbito do qual têm projectado obras nas mais diversas áreas, desde as estruturas de lazer à educação, passando pelas habitações particulares, de raiz ou recuperadas, condomínios fechados e espaços de escritórios. De

entre as obras concluídas e projectos em desenvolvimento são de salientar um bar/restaurante na Marina de Cascais e na praia de Carcavelos, um café de artes em Sintra, além dos edifícios para o futuro ATL e jardim de infância da Escola EB1 do Linhó.



antes



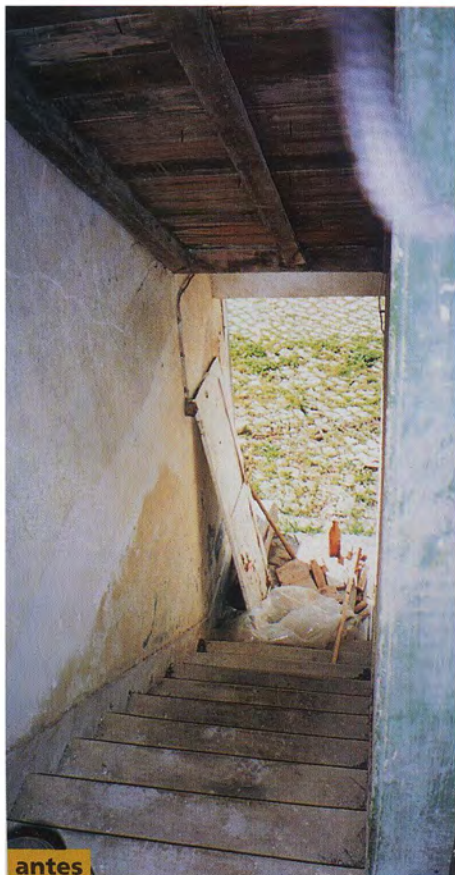
depois



S eduzidos pelas potencialidades inerentes a um edifício inserido numa zona de exploração agrícola, rodeado por campos de cultivo e casas com algum traço histórico, os proprietários quiseram proceder à recuperação do mesmo, tirando o máximo partido da envolvente. O edifício – semiconstruído e quase abandonado – tinha até então servido de armazém de recolha de alfaias e outros utensílios de lavoura. A ausência de isolamento adequado permeou a construção às infiltrações, acelerando a sua deterioração. A posterior introdução de uma laje aligeirada pouco contribuiu para a resolução do problema, ►

Embora o posicionamento dos vãos tenha sido preservado, a sua configuração foi ajustada, sobretudo ao nível da altura. A recuperação abrangeu o telhado e o duplo beirado. A porta de entrada, agora acentuada pelo desenho das cantarias, assumiu um novo protagonismo.

MATERIAIS: pedra, madeira e tijolo



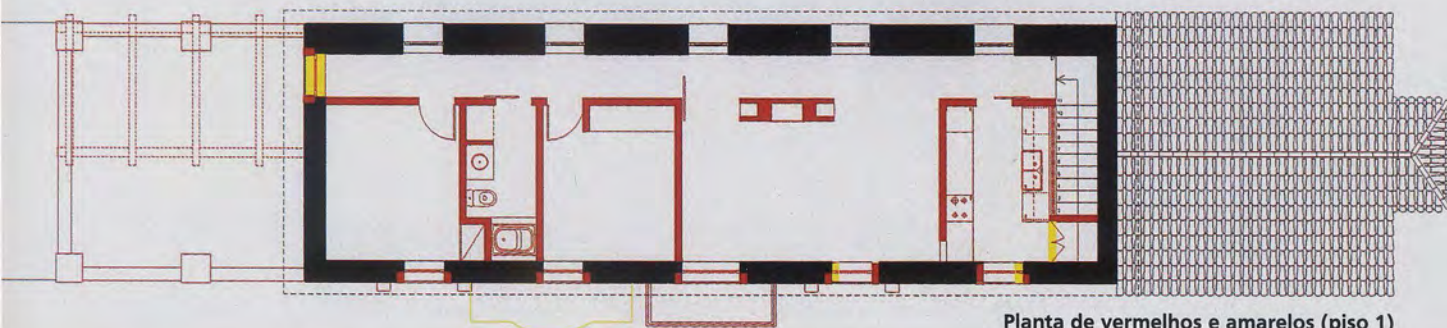
O vão em vidro fosco junto ao lava-louças permite uma entrada de luz na escada, que lhe é contígua. O volume alto, pousado sobre a escada, corresponde ao despenseiro. A falta de espaço foi contornada com portas de correr. Foi ainda criado um passa-pratos entre a cozinha e a sala.

devido à precariedade da sua instalação. Por outro lado, as sucessivas adições de vãos e outros acrescentos arbitrários contribuíram para a descaracterização do edificado. Os vãos em série, desenhados, pontuavam a fachada, ao contrário do que acontecia com os restantes edifícios existentes na quinta. “Quando tomámos contacto com a obra, o primeiro pensamento que nos ocorreu foi o de projectar um edifício bastante diferente. No entanto, depressa percebemos que não seria a melhor opção, uma vez que iríamos condicionar a reformulação das restantes casas da quinta”, esclarecem os arquitectos João Brandão e Margarida Gomes, responsáveis pela recuperação do armazém.

A limitação de custos foi uma das principais condicionantes da intervenção. Pretendia-se, de antemão, que dos 200 metros quadrados disponíveis (nos dois pisos) surgisse uma moradia para um casal e dois filhos, com pelo menos dois quartos, sala, cozinha, casa de banho e uma adega. Particularmente atraente era a contiguidade do edifício com um outro, mais antigo, que pela sua configuração e propósito iniciais se assemelhava a uma capela, embora nunca tenha tido essa função. As cantarias da dita capela foram o ponto de partida para conferir o desejado equilíbrio ao alçado principal, dominado por aleatórias aberturas destinadas a janelas, entradas de veículos e portas. “Por razões de custo tentámos manter o posicionamento dos vãos, com pequenos ajustes ao nível da altura. Tentámos, sobretudo, estabelecer uma relação, até então inexistente, entre as cantarias e os vãos”, afirma a dupla de arquitectos. O rebaixo existente na ▶



Planta do piso 1 (antes)



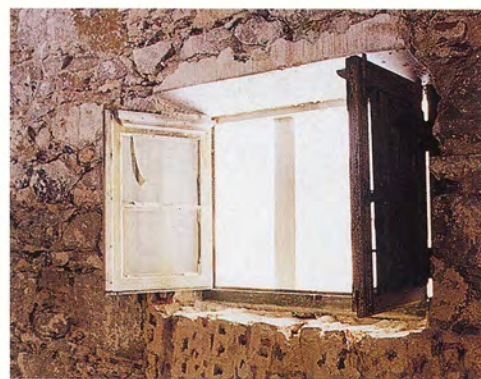
Planta de vermelhos e amarelos (piso 1)

LAREIRA: um plano/biombo entre a sala e o corredor





antes



Para não desperdiçar espaço, o corredor é quase um prolongamento da sala, dela delimitado apenas pela lareira. A diferenciação de materiais (madeira no corredor, tijoleira na sala) contribui para a definição das áreas. As guardas e peitoris em cimento foram preteridas em favor de uma zona longitudinal em pedra.

fachada foi valorizado pela criação de um pântico, de galerias e colunas, que maximiza o jogo de linhas e simetrias estabelecido no alçado. Ao mesmo tempo, a altura da porta principal foi acentuada, não só para se destacar relativamente às restantes, como para assumir uma identidade própria. “A entrada da casa era equívoca. A porta principal confundia-se com a que está debaixo da varanda”, frisa João Brandão.

Na nova composição do alçado salientam-se a simplicidade e a linearidade, expressões de uma constante busca de luz e das novas, e suaves, proporções alcançadas. O barro e a pedra destacam-se no branco que envolve a construção, embora os demais edifícios existentes na propriedade exibam cunhais azuis. A utilização da cal foi evitada em favor de uma tinta, de borracha sintética, impermeável à chuva e permeável ao vapor de água, permitindo a respiração das paredes, aumentando a sua longevidade e reduzindo a manutenção. Alguns materiais utilizados na intervenção, como as telhas de canudo e as cantarias, são provenientes de depósitos de demolições. As primeiras foram apenas limpas e escovadas, sendo que algumas cantarias foram refeitas, uma vez que não se adaptavam de forma linear aos novos vãos. Para este trabalho recorreu-se à mestria de dois canteiros que, através de métodos tradicionais, deram nova vida a estas pedras. A estrutura do telhado foi totalmente refeita com vigotas de betão e mais tarde isolada e impermeabilizada. Durante a recuperação surgiram vestígios de um duplo beirado, junto à capela, tendo-se procedido à sua reconstituição. ▶



depois

CASA DE BANHO: janela dissimulada no telhado



Na configuração inicial, quer o rés-do-chão, quer o piso superior, eram áreas amplas. O piso térreo é agora ocupado pela zona de serviço, constituída por uma kitchenette, lavabo, adega e ligação à denominada capela, onde será feito um escritório. Os convívios informais – organizados entre provas de vinho e petiscos – têm ali lugar, estando reservada para a ala superior a área mais íntima, com dois quartos, casa de banho, sala, cozinha e um terraço a poente com vista sobre a serra de Sintra.

O forro de madeira outrora existente sobre as escadas foi retirado, tal como uma porta no patamar do primeiro piso, ganhando-se, assim, amplitude. Na parede que confina com a cozinha foi introduzido um vão, em vidro fosco, para permitir a entrada de luz natural para a escada. O acesso à cozinha processa-se através de uma porta de correr, de modo a maximizar o espaço. Esta preocupação pautou, em grande parte, a intervenção concretizada no piso superior. Na sala, optou-se pela introdução de uma lareira, que tem ainda a função de delimitar a transição entre a zona de circulação e a própria sala. Já na casa de banho, a banheira foi preterida em favor de um roupeiro num quarto contíguo, ao passo que a ventilação é assegurada através de uma janela, dissimulada no telhado, com um sistema de abertura eléctrica. Soluções engenhosas que perfilam uma nova vivência e contornam os défices da estrutura existente. ■





À esquerda: a luz que jorra na casa de banho provém de uma coluna que se ergue até à janela instalada no telhado. No quarto, atente-se ao parapeito que sublinha o vão, a 40 cm do solo, que assim serve de banco. Nesta página: perspectiva do corredor com a entrada no terraço ao fundo. Numa segunda fase, também as restantes casas da quinta serão recuperadas.

Consulte a lista de moradas a partir da pág. 127